

**A INDISCIPLINA NA UNIDADE ESCOLAR BÁSICA DOM JAIME CÂMARA**

**INDISCIPLINE IN THE DOM JAIME CÂMARA BASIC SCHOOL UNIT**

**INDISCIPLINA EN LA UNIDAD ESCOLAR BASICA DOM JAIME CAMARA**

---

**Patrícia Nunes Carvalho**

Graduanda em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de São Bernardo - UFMA.

E-mail: [patrycia\\_amorverdadeirosempre@hotmail.com](mailto:patrycia_amorverdadeirosempre@hotmail.com)

**Laura Rosa Costa Oliveira**

Doutoranda em Recursos Naturais e Gestão Sustentável, com ênfase em Agroecologia pela Universidade de Córdoba – Espanha, Mestre em Agroecologia pela UEMA, Graduada em Geografia pela UEMA, Professora Adjunta Classe C, do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão do Maranhão do Centro de Ciências de São Bernardo. Membro do Grupo de Estudos GEDMA - UFMA.

E-mail: [rosa.laura@ufma.br](mailto:rosa.laura@ufma.br)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9337-6335>

**Thiago Pereira Lima**

Doutor em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Conceito 6), Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFMA. Especialista em Meio Ambiente e Recursos Aquáticos pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduado em Geografia pela UFMA e em História pela UEMA. É professor Adjunto classe C, da Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de São Bernardo, do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia.

E-mail: [tp.lima@ufma.br](mailto:tp.lima@ufma.br)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2571-905X>

**Ruth Aparecida Viana da Silva**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Especialista em Tecnologias e Educação a Distância (UCB). Especialista em Docência Universitária (FACER, GO). Especialista em Linguística (UGF). Graduada em Letras pela Universidade Católica de Brasília e em Pedagogia (Centro Universitário Claretiano). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Trindade, no Ensino EBTT e na Pós-Graduação *Lato Sensu*, na área de Políticas Educacionais, Currículo e Metodologias de Pesquisa. Coordenadora do Curso Técnico em Segurança do Trabalho. Membro do Grupo de Pesquisa Educação do IF Goiano e do Núcleo Goiano de Estudos Literários.

E-mail: [ruthapvianasilva@gmail.com](mailto:ruthapvianasilva@gmail.com)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3146-1569>

---

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a temática da indisciplina na “Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara”, em Santa Quitéria do Maranhão, abordando a visão dos professores, mas também o olhar da família e do aluno. O intuito foi diagnosticar os desafios em torno da indisciplina escolar, visando discutir motivos e estratégias capazes de minimizar o problema da indisciplina em sala de aula. Para tanto, inicialmente apresentaremos o campo conceitual da temática da indisciplina escolar, evidenciando-a como uma das maiores dificuldades do trabalho pedagógico que, contudo, pode ser contornada com medidas eficazes interligadas ao trabalho docente e ao envolvimento da família. Assim, em sentido teórico visamos compreender os indicadores da indisciplina para analisarmos, na prática, a indisciplina em sala de aula por meio da pesquisa de campo. No processo de pesquisa utilizamos a metodologia qualitativa com entrevistas semiestruturadas com o objetivo de fazer um estudo exploratório a respeito da relação entre o comportamento e o desempenho dos alunos.

**Palavras-chave:** Indisciplina. Ensino. Práticas pedagógicas. Apoio familiar.

## ABSTRACT

This work aimed to understand the theme of indiscipline in the "Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara", in Santa Quitéria do Maranhão, approaching the teachers' view, but also the look of the family and the student. The aim is to diagnose the challenges around school indiscipline, aiming to discuss reasons and strategies capable of minimizing the problem of indiscipline in the classroom. Therefore, we will initially present the conceptual field of the theme of school indiscipline, highlighting it as one of the greatest difficulties of pedagogical work that, however, can be overcome with effective measures linked to teaching work and family involvement. Thus, in a theoretical sense, we aim to understand indiscipline indicators to analyze, in practice, indiscipline in the classroom through field research. In the research process, we used a qualitative methodology with semi-structured interviews in order to carry out an exploratory study regarding the relationship between students' behavior and performance.

**Keywords:** Indiscipline. Teaching. Pedagogical practices. Family support.

## RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo comprender el tema de la indisciplina en la "Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara", en Santa Quitéria do Maranhão, abordando la mirada de los profesores, pero también la mirada de la familia y del estudiante. El objetivo es diagnosticar los desafíos en torno a la indisciplina escolar, con el objetivo de discutir razones y estrategias capaces de minimizar el problema de la indisciplina en el aula. Por lo tanto, presentaremos inicialmente el campo conceptual del tema de la indisciplina escolar, destacándolo como una de las mayores dificultades del trabajo pedagógico que, sin embargo, puede ser superada con medidas eficaces vinculadas al trabajo docente y la participación familiar. Así, en un sentido teórico, pretendemos comprender los indicadores de indisciplina para analizar, en la práctica, la indisciplina en el aula a través de una investigación de campo. En el proceso de investigación utilizamos una metodología cualitativa con entrevistas semiestructuradas con el fin de realizar un estudio exploratorio sobre la relación entre el comportamiento y el rendimiento de los estudiantes.

**Palabras clave:** Indisciplina. Enseñando. Prácticas pedagógicas. Apoyo familiar.

---

## INTRODUÇÃO

Atualmente a educação tem vivenciado momentos desafiadores tanto para os educadores, quanto para alunos e pais. Diante disso, a instituição escolar tenta investir na qualidade de ensino-aprendizagem numa perspectiva democrática, ou seja, atuando na libertação dos princípios tradicionais suplantados que alicerçam os conceitos e normas educacionais ainda nos dias atuais (ALVES, 2006).

Na leitura de Vasconcelos (1998), a situação em sala de aula, nos dias de hoje, talvez nunca tenha estado tão difícil para o professor. Os alunos têm tido suas percepções saturadas pela mídia em contraste com a tradicionalidade dos métodos de ensino na sala de aula e vários outros fatores incluindo a habilidade dos professores em ganhar sua atenção, em despertar o interesse e de relacionar a aula com aspectos vitais para o aluno. Em meio a essas questões, os problemas de indisciplina dos alunos tornam-se mais frequentes e complexos. Sabemos que não é fácil ao professor abrir certos caminhos para manter um bom relacionamento com os alunos, pois a prática docente é um pouco contraditória, temos sempre a necessidade de limitar, ouvir, falar, acatar, suportar, etc, enfim, estabelecer a ordem na sala de aula (VASCONCELOS. 1998).

O desafio do professor é compreender que a indisciplina não é uma reação direcionada, algo pessoal. Cabe ao professor, contudo, dialogar com os alunos sobre objetivos e limitações em sala de aula. Conforme aponta Garcia (1999) é preciso pensar a disciplina como fim e meio podendo desenvolver atitudes como concentração, interesse e responsabilidades, sendo um instrumento sem o qual as coisas não acontecem ou incidem fora do prazo e dos padrões estabelecidos. A família, nesse processo, é um fator crucial para que se estabeleça os limites da hierarquia escolar, além de contribuir nas manifestações de senso e responsabilidade dos alunos.

Nesse contexto, o objetivo desse artigo é tecer algumas reflexões sobre a indisciplina escolar. Para tanto, iremos analisar a indisciplina na “Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara” localizada na cidade de Santa Quitéria do Maranhão, abordando a visão dos professores, mas também o olhar da família e do aluno. O intuito é diagnosticar os desafios em torno da indisciplina escolar, visando discutir motivos e estratégias capazes de minimizar o

problema da indisciplina em sala de aula, considerando a necessidade de um diálogo entre escola e família, para a construção estratégias efetivas para atenuar os atos indisciplinares.

## **COMPREENDENDO AS POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR**

Refletir sobre os aspectos da indisciplina no ambiente escolar requer muito estudo em torno da temática, haja vista que é um tema que vem sendo alvo de várias análises entre os estudiosos da área educacional. Primeiramente, o que a indisciplina significa em um contexto maior? A falta de obediência aos pais, professores, enfim, o desrespeito às regras estabelecidas pela sociedade de um modo geral, isto é, a um modelo de comportamento pré-estabelecido para garantir a ordem quer na família, na escola ou mesmo em quaisquer outras instituições (ESTRELA, 1992).

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapasse o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas (AQUINO, 1996, p. 40).

Com base no autor citado, a indisciplina pode ser caracterizada como um grande desafio ao docente, um fator que ultrapassa as barreiras físicas do ambiente escolar, que muitas vezes, foge do manejo teórico de metodologias existentes em sala de aula. Segundo D'antola (2005) a indisciplina na sala de aula, como agente causador do fracasso escolar é tratada com autoritarismo, muitas vezes com ameaças, punições e com tarefas descontextualizadas, nessa situação, “aquele aluno que não se enquadra no modelo estabelecido pelo professor passa a ser discriminado na sala de aula e o seu desempenho não atinge a expectativa dos professores” (D'ANTOLA, 2005, p. 54). Porém, não se pode atribuir somente aos educadores os responsáveis pelos atos indisciplinares, mas à sociedade e ao ambiente familiar em que o aluno convive e que serve de exemplo para direcionar e influenciar a sua conduta na escola.

### **A indisciplina sob os vários aspectos da educação**

O exercício da reflexão acerca dos contrastes que perpassam a indisciplina e as formas de agir diante da mesma caracteriza-se como uma necessidade imprescindível no cenário educacional. Retomar nossas decisões, rever a prática pedagógica na sala de aula torna-

se essencial na busca da construção do conhecimento, pois a disciplina passa a ser fundamental, já que a escola precisa de regras e normas para garantir seu funcionamento e a ordem (AQUINO, 1996).

Conforme os estudos de Aquino (2016) a noção de indisciplina leva em conta três situações específicas de ocorrências. Em primeiro, a mesma está inserida nos comportamentos dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, dentro ou fora do espaço escolar. Em segundo, ela surge sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos vivenciados pelos alunos, em relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto escolar com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc. E por último, ela se apresenta no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Assim, a indisciplina pode ser determinada como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que refletem o pensamento da comunidade escolar) “em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo e aquilo que demonstram os estudantes, em termos de contexto social” (AQUINO, 2016, p. 667).

O conceito de indisciplina não é estático e imutável, haja vista que vem se modificando, tal como suas expressões na escola. Segundo Garcia (1999, p. 103) “a (in) disciplina escolar apresenta atualmente, uma expressão diferente, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo afetivo”. Em outras palavras, a indisciplina vem sofrendo variações com o decorrer dos tempos, se tornando mais difícil por parte dos docentes interceder de modo efetivo. O problema exige do educador o papel de repensar a prática docente, as atitudes numa perspectiva não só idealizadora, mas transformadora, que a indisciplina não seja algo de motivação dos conflitos e violência na sala de aula e na escola (ANTUNES, 2002). É complexo ensaiar receitas, formulas, já postuladas para as situações de indisciplina, dado estas serem relacionadas as variadas circunstanciais. É preciso situá-las em seus termos, isto é, de acordo com os condicionamentos do aluno que a provoca ou da situação na qual se manifesta (GARCIA, 1999).

Segundo Aquino (2003), a dificuldade em compreender a indisciplina enquanto um desafio que submete ao diálogo entre as gerações escolares. Nesse sentido, “cabe ao professor desempenhar seu papel, o que inclui disposição para dialogar sobre os objetivos e limitações e o fim da indisciplina pode acontecer quando os alunos são ouvidos” (AQUINO, 2003, p. 26). Resolver os problemas por meio do diálogo, requer o consenso entre os professores e os alunos

quanto ao comportamento dos mesmos, o que deve ser considerado indisciplina e a definição de estratégias de ações diante desse comportamento. Entretanto, se pensar numa proposta pedagógica bem definida pode determinar a construção de uma nova disciplina de acordo com a realidade da escola e expectativa dos alunos proporcionando condições favoráveis ao ensino aprendizagem e a convivência em grupo desenvolvendo um trabalho fundamentado nos princípios de igualdade e responsabilidade num contexto escolar democrático (AQUINO, 2003).

### **Indisciplina: o pacto com a família como a melhor saída de amenizar o problema**

A indisciplina tratada como uma das causas do fracasso escolar e violência entre alunos e professores não é tarefa a ser resolvida somente pelas escolas. Atualmente, rever o papel da escola e o da família é uma condição primordial para se resolver os problemas causados pela indisciplina (bagunça, agressividade, desrespeito, etc.), fenômeno que atrapalha o processo ensino-aprendizagem, além de provocar conflitos no ambiente escolar. Para tanto, resgataremos um breve conceito de família como fator importante na formação do indivíduo no que diz respeito a seus valores éticos e morais, bem como na educação formal e informal (PRADO, 1981).

Partindo de uma perspectiva histórica, o termo família tem origem do latim *famulus* e significa: “conjunto de servos e dependentes, de um chefe ou senhor, que vivem sob um mesmo teto” (HOUAISS, 2001, CD-ROM). Entre os titulados dependentes inclui-se “a esposa e os filhos. Assim, a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus fâmulos: esposa, filhos, servos livres e escravos” (PRADO, 1981, p.51).

Com o passar dos anos o termo sofreu variações. Conforme definição encontrada nos dicionários Aurélio (FERREIRA, 1999, CD-ROM) e Houaiss (HOUAISS, 2001, CD-ROM), o termo família possui significados abrangentes. O mesmo serve para caracterizar tanto a pessoas que vivem no mesmo domicílio (pai, mãe e filhos) ligados por laços sanguíneos como também, aquelas unidas por laços de parentesco e adoção.

Segundo Gusso (2010) é no seio familiar que a criança desenvolve as primeiras percepções acerca do convívio social. O meio familiar que permite a criança acumular as experiências que serão trabalhadas no ambiente escolar. A família desempenha importante

papel no trabalho de ensino desenvolvido pelas instituições escolares. A trajetória escolar vivenciada pelos filhos depende em parte das experiências que seus familiares acrescentam a vida dos mesmos. A família, deste modo, é o primeiro ambiente socializador dos filhos.

No entanto, segundo Vasconcelos (1998 p. 63) percebe-se que cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos pais chegam mesmo a passar toda responsabilidade para a escola: “pode bater, pode fazer o que quiser; eu já não posso mais com ele”. Mediante suas experiências como estudantes e a desorganização da classe que os filhos relatam, os pais acabam exigindo da escola uma postura autoritária. Como aborda Aquino (1996) a visão, hoje quase romanceada, da escola como um lugar de florescimento das potencialidades humanas parece ter sido substituída, às vezes, pela imagem de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas, mais visíveis o suficiente para incomodar.

Diante disso, é imprescindível o estabelecimento e manutenção das relações entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, pois esta interação é fundamental no desenvolvimento da disciplina no âmbito escolar. Como adverte Oliveira, Bortoletto, Kinjo e Bertolazo (2016), o processo que envolve o ensino aprendizagem do aluno é tanto social como histórico, dependendo não só das ações desenvolvidas na escola, mas também das práticas iniciadas no meio familiar.

Faz-se necessário revisar e repensar o papel dos envolvidos dentro das funções da escola na construção de ações com medidas que possibilitem a cada um exercer seu papel: professor com sua função, seu espaço como educador e referencial para os alunos e a família como colaboradora nas tomadas de decisões, expressando suas ideias e opiniões com base nas discussões, na negociação da autoridade e não do autoritarismo (PRADO, 1991).

Somente uma mudança no tipo de relações que são construídas no interior do espaço escolar, nos limites familiares e na sociedade, poderá estabelecer um olhar diferenciado para os aspectos que caracterizam a indisciplina, isto é, perceber que os princípios que compõe as normas a serem desempenhadas pelos alunos sejam democráticos e iguais para todos. A ideia acima pode convir como uma probabilidade de reflexão em busca de alternativas de educação disciplinar que desconstrua o arquétipo de disciplina, que se arquitetou até o momento pelo diálogo entre os docentes e pais. Atuando em “definir os objetivos de uma disciplina que venha a contribuir com o bom relacionamento do todo escolar, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da qualidade do ensino” (ANTUNES, 2002, p. 38).

## Formação docente

A construção coletiva de normas e regras garante o processo de aprendizagem, da apropriação de conhecimentos, efetivando um comportamento adequado numa disciplina pedagógica democrática dentro de uma perspectiva dialógica, problematizadora e crítica da educação (VASCONCELOS, 1998).

Tal contexto pressupõe pedagogicamente ações que orientem o diálogo entre os professores na escola e os alunos, respeitando a diversidade escolar. Não há diálogo sem o uso da palavra numa concepção mútua na resolução do problema, sem manipulação (autoritarismo), ou seja, alunos respeitando os professores e professores respeitando seus alunos.

Conforme Aquino (2003, p. 46) “refletir e ressignificar a prática pedagógica implica em discutir sobre o que pode a escola em favor da construção de uma disciplina sem contradições para superar os desafios causados pela indisciplina”. Para auxiliar nestas reflexões consideraremos algumas leituras que norteará a possibilidade de construção de novas estratégias de ações pedagógicas para resolver os atos indisciplinados, objetivo mais importante do nosso trabalho (AQUINO, 2003).

A escola é a instituição especializada da sociedade para fornecer meios educacionais que garantam a educação básica de qualidade para todos. Sob este prisma, educar é totalmente diferente de treinar, domesticar, adaptar, moldar, adequar, integrar. Educação não é enquadrar, inculcar um padrão ou modelo, mas é formar pessoas autônomas, sujeitos livres e responsáveis (FREIRE, 1987).

Para alcançar todos esses propósitos no aprendizado dos estudantes, torna-se indispensável que o educador assuma uma postura responsável frente às pedagogias desenvolvidas em sala de aula. Espera-se que o professor seja um profissional preparado, que tenha em seu planejamento mensal momentos que contemplem o trabalho pautado no diálogo com o aluno. Fugindo de atividades improvisadas, que não acrescentam no processo de aprendizagem das crianças.

O que queremos ressaltar é que o professor despreparado pedagogicamente pode incitar, ainda que sem intenção, a própria indisciplina em sala de aula. Uma das evidências mais contundentes do papel do professor na própria produção da indisciplina é citada por um *survey*



conduzido por Silva e Matos (AQUINO, 2016). O estudo pretendeu investigar as percepções de estudantes de escolas públicas de Minas Gerais sobre a indisciplina com o cruzamento de seis variáveis intervenientes: nível de ensino, sexo dos estudantes, nível socioeconômico, atraso escolar, proficiência em língua portuguesa e matemática e as práticas pedagógicas dos docentes. Foram utilizados questionários associados a uma das provas do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública.

Os dados referentes a 2007, perfazendo a impressionante cifra de 715.646 alunos, foram então analisados pela dupla de pesquisadores: Os resultados apresentados nessa pesquisa indicam uma presença marcante de comportamentos de indisciplina em sala de aula. [...] merecem destaque a baixa associação entre indisciplina e nível socioeconômico e a forte relação entre as práticas pedagógicas dos professores e a indisciplina. (SILVA; MATOS, 2014, APUD AQUINO, 2016)

O professor, portanto, precisa dispor-se em sua formação a se aperfeiçoar para aprender metodologias que auxiliem no controle da indisciplina em sala de aula. A indisciplina não é resolvida com brigas e punições aos alunos. Almejamos uma prática participativa necessária ao processo educativo, respeitando o próprio espaço com responsabilidade e competência no trabalho conjunto, compartilhando o fazer escolar na elaboração de ações pedagógicas para resolver os atos indisciplinados na escola de forma democrática e progressista.

### **Motivação e incentivo na aprendizagem**

Segundo Vasconcelos (1998) a educação é um processo contínuo, complexo e sutil, marcado por profundas contradições e processos coletivos e permanentes de formação de cada indivíduo, o que se dá na relação entre os indivíduos e entre este e a natureza. Assim, a instituição escolar pode ser caracterizada como um local privilegiado para formação e constituição de um trabalho sistemático e planejado com o conhecimento, valores, atitudes e produção de hábitos.

Neste contexto, “a escola, como espaço de operacionalização, da educação, revela-se um campo privilegiado de produção/difusão de novas práticas/tecnologias” (SANTOS, NUNES, 2006, p.15). Conforme afirmam as autoras, as instituições escolares devem fazer um investimento em formação ética para a construção do diálogo entre alunos, professores, e funcionários para que os mesmos estejam aptos a lidar com as questões indisciplinadas que possam afetar a aprendizagem dos alunos. A formação ética dos agentes que compõem o

ambiente educacional fornece possibilidade de soluções para tentar resolver os conflitos situados em salas de aula, que surgem através “dos constantes atos de agressões verbais e físicas, além de humilhações constantes e ausência de limites, percebe-se o quanto elas estão cada vez mais incivilizadas” (SANTOS, NUNES, 2006, p.16).

Vários autores especializados em questões disciplinares apontam a necessidade de que a escola contribua com a formação de indivíduos com capacidade de resolver conflitos coletivamente, por meio de estratégias pautadas no respeito a princípios discutidos pela comunidade. Desse modo, “o caminho para se chegar à resolução das questões conflituosas, passa pela formação ética, não necessariamente como conteúdo didático, mas principalmente no convívio diário dentro da instituição escolar” (VASCONCELOS, 2005).

Antunes (2002) adverte que existe um grande clamor dos educadores por normatização: elaboração de regras de controle e normas de conduta. No entanto, é necessário enfatizar que, “um comportamento ético, ao invés da simples normatização, discute as relações com outras pessoas, as responsabilidades de cada um, bem como os princípios e os valores que dão sentido à vida” (SANTOS, NUNES, 2006).

D’antola (1989) diz que não se pode esquecer o lugar do professor neste consenso. Um dos saberes indispensáveis à prática educativo-crítica é o de como se lida com a relação autoridade-liberdade, sempre tensa e que gera disciplina como indisciplina. Sendo o resultado da harmonia ou do equilíbrio entre autoridade e liberdade, a disciplina implica o respeito de uma pela outra, expresso na assunção que ambas fazem de limites que não podem ser transgredidos.

A escola precisa estar atenta à organização significativa do trabalho pedagógico. E, para que essas experiências sejam bem-sucedidas, deve ser respeitado o ritmo, o tempo e as experiências dos estudantes (ENGUITA, 1989). Segundo Echelli (2008) uma alternativa supostamente bem-sucedida para o enfretamento da indisciplina é a motivação, ou melhor, a relação intrínseca entre um tema abordado pelo professor e as ferramentas que utiliza para motivar os alunos.

Se o professor conseguir desenvolver em sala de aula atividades adequadas que promovam a motivação do aluno, terá menos problemas de indisciplina, pois aluno motivado dirige sua atenção e suas ações para a execução da atividade e consequentemente sobra menos tempo para se envolver em atos que comprometam o desenvolvimento do trabalho e gerem indisciplina. (ECHELLI, 2008, p. 211)

Segundo as ideias de Abud e Romeu (1989), a diretriz disciplinar não deve se restringir a estabelecer um conjunto de normas que organizem o ambiente escolar, mas deve também orientar a própria cultura daquilo que a comunidade deseja em termos de desenvolvimento disciplinar. Afinal, a disciplina deve ser também um objetivo educacional (ABUD e ROMEU, 1989, p. 89).

Vasconcelos (2003, p. 58) diz que, “o professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado), mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas”. Uma coisa é o conhecimento pronto, sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões de existência sendo montado e demonstrado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou se quiserem, aprende-se a aprender.

## **METODOLOGIA E CONTEXTO DA PESQUISA**

O panorama apresentado em torno da temática da indisciplina no ambiente escolar permitiu estabelecer as bases do modelo teórico inicial de referência, que auxiliará na elaboração da pesquisa de campo, momento crucial deste trabalho. Conforme os estudos de Reis (2018) o universo da pesquisa é uma experiência que tende a provocar surpresas, pois o pesquisador mergulha em um mar que se conhece teoricamente, mas a realidade do mundo sempre ultrapassa o que já foi estudado sobre ela, uma vez que é dinâmica. Desse modo, a pesquisa tem por objetivo “produzir conhecimentos, responder às questões que inquietam os pesquisadores, revelando, não só para estes, mas para toda a sociedade, as suas descobertas” (REIS, 2018, p.19).

Trabalharemos com a pesquisa de campo, com o intuito de diagnosticar os desafios que contribuem para a indisciplina dos alunos. A pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente. O objetivo da pesquisa de campo é conseguir informações e/ ou conhecimentos (dados) acerca de um problema, para qual se procura uma resposta.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão feitas entrevistas semiestruturadas com professores, alunos e familiares na perspectiva de constatar se há degradação nos desempenhos e comportamentos dos alunos da “Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara”, localizada na

cidade de Santa Quitéria do Maranhão. No processo de pesquisa utilizaremos a metodologia qualitativa com entrevistas semiestruturadas com o objetivo de fazer um estudo exploratório a respeito da relação entre o comportamento e o desempenho dos alunos, tendo como centro de análise a questão da indisciplina.

Segundo Trivinos (1987), a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados. Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, em que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos das novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante (TRIVINOS, 1987, págs. 145 a 156).

### **Dados da Escola**

A pesquisa foi realizada na “Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara”, localizada na cidade de Santa Quitéria do Maranhão, na zona urbana. Trata-se de uma escola pertencente a rede pública de ensino que contempla suas aulas no turno matutino e vespertino com 5 turmas do Ensino Fundamental. A escola possui um quantitativo de 161 alunos matriculados com 26 professores e 35 funcionários no geral.

Em relação ao número de professores verificou-se que a grande maioria, com exceção de um, possui graduação em licenciatura plena, com ênfase nos cursos ofertados pela Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo: Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia e Ciências Naturais/Química. O planejamento, indispensável para a prática pedagógica, é exigido bimestralmente, com avaliações de caráter somativo e qualificativo, além da avaliação diagnóstica realizada no início do ano letivo.

### **Análise e discussão dos dados**

Os professores, alunos e familiares entrevistados foram escolhidos tendo em vista o desenvolvimento da pesquisa<sup>1</sup>. Inicialmente o questionário foi dirigido a cinco professores (as), que lecionam em diferentes disciplinas presente no currículo escolar, a saber, geografia,

---

<sup>1</sup> Os entrevistados optaram por manter a privacidade dos nomes, por isso colocamos apenas as iniciais.

história, ciências e matemática. Além dos professores, foram entrevistados três alunos (as) e seus respectivos familiares, no caso, as mães dos alunos. Aluna 1 - S.C.C, familiar 1 - M.C.B; Aluno 2 - J.S.A, familiar 2 - A.S.T; aluno 3 - M.A.F, familiar 3 - A.M.F.

O perfil dos professores apresenta as seguintes características: Prof.<sup>a</sup> 1 – L.M.S: formada em Ciências Humanas/Sociologia, leciona geografia e História, 27 anos; Prof.<sup>a</sup> 2 – A.S.V: formada em Ciências Naturais/Química, leciona ciências, 26 anos; Prof.<sup>o</sup> 3 – J.H.C: formação em andamento em Ciências Humanas/Sociologia (7<sup>o</sup> período), leciona História, 22 anos; Prof.<sup>o</sup> 4 – P.F.G: licenciado em geografia, leciona ciências, 48 anos; Prof.<sup>o</sup> 5 – L.A.C: licenciado em matemática, leciona matemática, 49 anos.

O questionário foi composto com as respectivas perguntas: Você enquanto professor, como lidar com a indisciplina dos seus alunos? Quais os métodos didáticos você utiliza para motivar seus alunos a participarem das aulas? Na sua opinião, o que poderia ajudar no comportamento dos alunos?

Seguindo a ordem das questões, os professores entrevistados relataram a dificuldade em lidar com a indisciplina de alguns alunos e reforçaram a necessidade de inovação em sala de aula, com a utilização de metodologias ativas, assim como o diálogo com as famílias dos alunos. *“É uma questão bem difícil [...]. Deve-se tentar inserir estes alunos indisciplinados no meio, com dinâmicas, práticas usando materiais alternativos para melhor a compreensão de tudo que abraça o ambiente”* (Prof.<sup>a</sup> 2 – A.S.V). *“Em primeiro lugar, enquanto professor, é necessário adentrar no universo do aluno e buscar entendê-lo, para que assim se consiga criar meios que levem o aluno a se interessar pela matéria e assim fazê-lo perceber em si a capacidade de aprender”* (Prof.<sup>a</sup> 1 – L.M.S).

Os professores também reforçam a importância familiar para lidar com a indisciplina em sala de aula, afinal a base do aluno inicia-se no seio familiar: *“a indisciplina do aluno ela é algo que deve ser moldada e disciplinada no próprio seio familiar em primeiro plano, até porque a escola funciona não para, no sentido restrito da palavra, dá a moral do aluno, mas sim em algum aspecto a escola se faz como um instrumento para o que possa realmente se adequar a ter responsabilidade, já que as demandas e métodos aplicados pelos professores em sala de aula ajudam na interação daquele aluno”* (Prof.<sup>o</sup> 3 – J.H.C). Sabemos que cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família e, conseqüentemente, a família espera da escola uma postura autoritária, como aponta o professor:

*muitas vezes a família, ela é desinformada, além do grau da pobreza, as vezes ela é pobre também de conhecimento e joga responsabilidade somente para a escola e as crianças. Olha só, o comportamento do aluno é uma questão familiar realmente eu entendo dessa maneira, essa questão de bons costumes a escola não vai mudar, ela pode apenas auxiliar” (Prof.º 5 – L.A.C)*

Consequente, os professores consideram cruciais os métodos didáticos, em especial o uso de metodologias ativas, no intuito de cativar a atenção e promover a interação dos alunos e, nesse sentido, minimizar a indisciplina. *“Busco utilizar de ferramentas que possam despertar o interesse do aluno e consiga atrair o foco dele. Uma das ferramentas que mais utilizo em sala de aula é o projetor, pois além de trazer um diferencial na aula, eu consigo mostrar vídeos e imagens referentes ao assunto trabalhado que despertam curiosidades nos mesmos” (Prof.ª 1 – L.M.S).* O uso do projetor Data show é bastante citado entre os professores como um suporte que ajuda a inovar as atividades em sala de aula, além desse recurso didático, outros recursos citados são [...] *“os filmes, ou melhor, documentários relacionados ao tema que está sendo trabalhado, para promover nos alunos uma nova visão de estudos, mostrar a eles os mecanismos que temos na nossa contemporaneidade para almejar justamente a emancipação do conhecimento dos alunos” (Prof.º 3 – J.H.C).* *“Sempre direciono que eles busquem utilizar a Internet para fazerem pesquisas sobre algum determinado tema. Nesse tipo de didática, o aluno tem liberdade de mergulhar no mundo da curiosidade e conseguir absorver aprendizados sem precisar do professor por perto” (Prof.ª 2 – A.S.V).*

De forma geral, os professores entendem que a motivação e interação a partir de novas metodologias em sala de aula podem ajudar na aprendizagem e comportamento dos alunos. Os métodos didáticos vão desde a utilização de recursos como o projetor, à indicação de filmes e documentários, pesquisas direcionadas à internet, até metodologias mais simples como *“levantar questões interessantes e fazer perguntas para a turma para que eles reflitam e opinem” (Prof.º 4 – P.F.G).* O importante, na visão geral dos professores entrevistados, é superar o velho sistema mecânico e tradicional, afinal o mundo está em constante mudanças e a educação precisa acompanhar as inovações para cativar a atenção dos alunos. Nesse contexto, é mister o diálogo entre teoria e prática.

Assim, de acordo com os professores entrevistados o que poderia ajudar no comportamento dos alunos seria o uso de *“mais atividades lúdicas, mas sem esquecer a teoria,*

*buscando sempre unir a teoria à prática e a interação de todos” (Prof.<sup>a</sup> 2 – A.S.V). E para isso se faz necessário [...] “o professor se renovar e promover mudanças e fazer uso da tecnologia em sala de aula” (Prof.<sup>o</sup> 3 – J.H.C). Um dos professores tocou em um assunto muito importante que é assistência integral aos alunos: *eu acho que a escola para motivar os alunos tem que começar do zero. Gostaria de dar o exemplo: você pega a educação, às séries iniciais e trabalha esses alunos de forma integral, mas integral não só na palavra integral de 7h da manhã as 6h da tarde, mas integral com toda assistência médica, psicológica e lúdica que é muito importante a criança desenvolver* (Prof.<sup>o</sup> 5 – L.A.C).*

Observa-se que os professores entrevistados têm uma visão mais ampla de como lidar com a indisciplina, superando a percepção que o par disciplina-indisciplina se resolve apenas com castigos e punições. Podemos entender essa posição de forma mais clara com o comentário de um dos professores: *“nem sempre gritar, ameaçar, expulsar da sala de aula, ou até mesmo levar na direção é a solução. [...]o comportamento do aluno em sala de aula depende muito de como o professor lida em sala de aula para proporcionar isso. Do contrário, o aluno vai sempre procurar motivos para ficar distraído na aula e acabar instigando o mesmo comportamento dos demais”* (Prof.<sup>a</sup> 2 – A.S.V). Além disso, não podemos esquecer, como exemplifica o outro professor, que é essencial [...] *“uma boa comunicação com os alunos, pais e responsáveis”* (Prof.<sup>o</sup> 4 – P.F.G).

Portanto, a perspectiva evidenciada na visão dos professores é que, embora a indisciplina seja um dos grandes obstáculos à aprendizagem dos alunos, a mesma pode ser contornada a partir de uma série de ações dentro e fora da sala de aula. Importante destacar que alunos disciplinados não são sinônimo de alunos apáticos, que não interagem durante a aula, mas alunos participativos que contribuem para a produção de conhecimento em sala de aula. A visão dos professores entrevistados, que atuam diretamente em sala, aponta para estratégias discutidas por muitos teóricos citados no panorama teórico no início deste trabalho, que versam sobre a importância do papel da família, da formação docente e das ferramentas didáticas (GARCIA, 1999; PRADO, 1991; FREIRE, 1987; ENGUITA, 1989; ECHELLI, 2008).

Sabemos que o professor é a peça chave para minimizar a indisciplina em sala, mas, como vimos, a escola em geral carece da parceria e apoio da família. Por isso, optamos por entrevistar também alguns alunos e familiares dos mesmos para compreender esse contexto. O questionário foi composto pelas respectivas perguntas: *Qual a maior dificuldade de seus filhos*

*em casa? Você acompanha o crescimento e o comportamento de seu filho na escola? Quais recursos que você usa para tentar ajudar seu filho? Como você pretende mudar esse comportamento de seu filho?*

Antes de iniciarmos, queríamos apontar a complexidade de entrevistar pais e alunos, pois nem sempre as respostas suprem as expectativas esperadas. Primeiramente, os familiares entrevistados tiveram dificuldade em relatarem indisciplina dos seus filhos. Uma das entrevistadas relatou que não tem “nenhuma” dificuldade com o filho em casa e “*não precisa mudar o comportamento deles, são comportados*” (Familiar 1 - M.C.B); outra respondeu que “*o meu filho não é mau comportado*”, logo “*não pretendo mudar o comportamento*” (Familiar 2 - A.S.T). Fica a indagação: será que o comportamento dos filhos em casa é realmente o mesmo do ambiente escolar? Às vezes o comportamento muito disciplinado no seio do lar, acaba não refletindo o mesmo comportamento no ambiente escolar. Por isso se faz sempre necessário o acompanhamento familiar e o diálogo com os professores sobre o desenvolvimento e comportamento do aluno na escola, com seus pares.

Sobre esse acompanhamento, os familiares entrevistados afirmaram que acompanham os filhos na escola. E em relação aos recursos utilizados pelos pais para ajudarem os filhos na escola, foi citado o reforço escolar e até mesmo o uso de celular e internet. Uma das mães relatou o seguinte: “*mostro sempre pra ele o interesse pela vida escolar, incentivo também ele nos estudos*” [Familiar 3 - A.M.F]. À princípio, entende-se que os responsáveis entrevistados entendem a importância do acompanhamento escola na vida das crianças, embora eles não tenham problematizado as questões.

Por último, entrevistamos alunos para entendermos a relação entre motivação e comportamento. As seguintes questões foram utilizadas: *O que te motiva a estudar? Os Professores se preocupam com o teu comportamento? Os teus pais te incentivam na escola? Qual a preocupação maior deles em relação aos teus estudos?*

A preocupação em ter um futuro melhor através da educação esteve presente em todas as falas dos alunos, sendo a principal motivação para estudar e, conseqüentemente, seguir a dinâmica em sala de aula. Corroboramos a essa pressuposição com os relatos dos alunos: “*o que motiva estudar é aprender e ter uma profissão no futuro para ajudar a minha família*” (Aluna 1 - S.C.C); “*O que me motiva é ter um bom emprego, uma vida boa e ajudar o próximo*



*e meus pais” (Aluno 2 - J.S.S). Consequente, “é a perspectiva de ter uma vida melhor do futuro, a necessidade de aprender mais e ser curioso” (Aluno 3 - M.A.F).*

Em relação às demais questões, novamente os três entrevistados afirmaram que os professores se preocupam com comportamento e os pais o incentivam na escola: *“sim, eles são a chave mestre para que eu possa ter um estudo de boa qualidade e me formar o incentivo deles é bastante. A preocupação maior deles é que eu não tenha um ensino de qualidade para no futuro ser só mais uma pessoa sem instrução” (Aluno 1 - S.C.C). Percebemos que o principal argumento é correlacionado ao citado acima, o incentivo permeado da preocupação com o futuro, com a possibilidade de uma formação e um bom emprego: “eles [família] me incentivam, eles se preocupam muito de me verem formado” (Aluno 2 - J.S.S).*

Por fim, de modo geral podemos dizer que os relatos dos professores foram essenciais para analisarmos a indisciplina escolar em um processo mais amplo, assim como os mecanismos necessários para minimizar atitudes que, porventura, acabam atrapalhando a aula. A entrevista com alunos e seus familiares, por sua vez, embora tenha resultado em relatos mais espontâneos, foi relevante para refletirmos sobre o padrão de comportamento dos alunos em casa e em sala de aula. Assim, identificamos resultados de análises satisfatórios que possibilitaram uma compreensão mais próxima da realidade sobre a indisciplina no contexto escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho discutimos a temática da indisciplina no ambiente escolar. Sabemos que a escola, enquanto instituição, é composta por um conjunto de normas e regras que garantem seu funcionamento, assim como o processo de aprendizagem dos alunos. É esperado dos alunos, nesse contexto, um comportamento adequado, dentro dos parâmetros pedagógicos. A indisciplina, nesse caso, seria o comportamento oposto aos critérios estabelecidos em termos atitude, socialização, relacionamentos, entre outros fatores (AQUINO, 2016).

Com a discussão a partir da literatura revisada sobre a indisciplina no ambiente escolar, vimos a necessidade de um projeto educacional comprometido com o ensino-aprendizagem numa perspectiva democrática, consequentemente, sob parâmetros de uma

disciplina pedagógica dentro de uma perspectiva dialógica (VASCONCELOS, 1998). Para tanto, pressupõe, assim, uma ação docente atualizada pedagogicamente e o diálogo entre os professores na escola e os alunos.

Nesse contexto, realizamos a pesquisa na “Unidade Escolar Básica Dom Jaime Câmara”, localizada na cidade de Santa Quitéria do Maranhão, com o intuito de diagnosticar os desafios em torno a indisciplina entre os alunos, nas suas dificuldades diárias. Por meio de entrevistas semiestruturadas pudemos analisar de forma mais ampla a percepção dos professores sobre os motivos da indisciplina em sala de aula, suas estratégias para lidar com os alunos e visão de um ensino-aprendizagem motivacional e integrador.

De forma geral, os professores entrevistados corroboram com a concepção que é necessário repensar o papel coletivo dentro e fora da escola. A existência de comunicação entre família e escola é um fator indispensável para que se estabeleçam os limites da hierarquia escolar, além, de contribuir no incentivo das manifestações de senso, responsabilidade e cooperação na construção da autoridade do professor sem o autoritarismo. A família exercendo sua função basilar de formação moral dos alunos e a os professores atuando em consenso com as atualizações pedagógicas e com responsabilidade são os pilares para um ensino democrático capaz de integrar os alunos em meio as singularidades e diversidades presente no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. (In) **Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar** / Cândida Maria Santos Daltro Alves. - Ilhéus, BA: Editus, 2006.

ANTUNES, C. **Novas Maneiras de Ensinar - Novas Formas de Aprender**. Rio de Janeiro: Artmed, pg.38, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina: o Contraponto das escolas democráticas**. São Paulo, Ed. Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. Cadernos de Pesquisa** v.46 n.161 p.664-692 jul./set. 2016.

D'ANTOLA, Arlete (org.). **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989.

ENGUITA, Mariano F. **A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, pg.158,1989.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Porto: LDA, p. 17,1992.

\_\_\_\_\_. Valores e normatividade do professor na sala de aula. **Revista de Educação**, Lisboa: v. 5, n. 1, p.65, jun.1995.

ECHELLI, Simone D. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 32, p. 199-213, ago./dez. 2008

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - **Novo Dicionário da língua portuguesa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 595, 1986.

\_\_\_\_\_. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42.ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pg.59.60, 2005.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade**. 6ª ed. São Paulo: Moraes, p.32,1980.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 103, jan./abr. 1999.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Claudovone Ferreira dos. NUNES, Marinildes Figueredo. A indisciplina no cotidiano escolar. Candombá – **Revista Virtual**, v. 2, n. 1, p. 14–23, jan – jun 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, p.17, 1996.

\_\_\_\_\_. **Para onde vai o Professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 10. Ed. São Paulo: Libertad, pg.58, 2003.